

FREIRE, PAULO; **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

RESPEITO À AUTONOMIA DOS ALUNOS

Isadora Silveira Ramos¹

Consagrado educador brasileiro, Paulo Freire escreveu inúmeras obras entre as décadas de 1960 e 1990, as quais continuam inspirando professores do mundo inteiro. Entre elas encontramos *Pedagogia da autonomia*, de 1996, e *Educação como prática de liberdade*, de 1967, obras que apresentam o caráter progressista do autor, mas que direcionadas a todos os educadores, fornecem visões acerca de uma Educação de qualidade e explanando, principalmente, sobre práticas pedagógicas, nos fazem refletir sobre o real papel do professor em sala de aula. Em ambos os livros, Freire utiliza uma linguagem acessível, com metáforas facilmente compreendidas, e com apenas algumas frases e palavras rebuscadas. Ademais, faz uso de vários exemplos do cotidiano para abordar princípios, o que contribui para o melhor entendimento do texto, bem como para o enriquecimento da escrita. Porém, é repetitivo em suas ideias, abordando-as excessivamente no decorrer dos livros, o que, por vezes, torna a leitura maçante e exaustiva.

Ao analisar o livro *Pedagogia da autonomia*, o qual se divide em três capítulos: “Não há docência sem discência”, “Ensinar não é transferir conhecimento” e “Ensinar é uma especificidade humana”, percebemos que o autor pontua práticas necessárias à formação docente, como um guia a educadores, fazendo isso de maneira sistemática e organizada, de modo que todos os capítulos da obra são subdivididos e as reflexões são feitas em etapas. Fica evidente que todos os pontos trabalhados respeitam uma temática central bastante discutida no decorrer do texto, a questão da autonomia do educando.

No primeiro capítulo, Freire já inicia destacando que teoria e prática não devem se dissociar para não perderem a importância e o sentido. Dessa forma, traz uma discussão acerca dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, e fazendo uma crítica à pedagogia tradicional, esclarece que o professor não deve transmitir conhecimentos, mas criar possibilidades para que o aluno os construa, havendo diálogo e troca entre as duas partes, não uma relação onde encontra-se um dominador e um dominado, professor e aluno

¹Acadêmica do curso de Letras Língua Portuguesa na Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: isadoramos.13@hotmail.com

respectivamente. Logo, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 25).

O capítulo seguinte traz a importância do pensar certo, insistir em ser um professor mediador, não um transmissor, e a ideia de que o educador deve ser o exemplo daquilo que ele explana, ou seja, não deve falar e defender uma pedagogia revolucionária se é um professor que dita e impõe coisas aos alunos. Posteriormente a isso, Freire aborda a questão do bom senso, de modo que o autor discute sobre autoridade e autoritarismo, desvencilhando as duas práticas. Ademais, o educador faz uso de situações vivenciadas por ele para esclarecer que neutralidade política não deve ligar-se com prática educativa, visto que a omissão da opção política do professor pode ser considerada uma maneira de desrespeitar os alunos.

No último capítulo, Freire continua tratando de saberes necessários aos educadores, explana sobre o respeito à liberdade dos alunos aliado à autoridade do professor, dessa maneira, atenta para o fato de que a legitimidade de sua autoridade se dá através da competência do professor, isto é, aquele que não se esforça, não estuda, menospreza sua profissão, não está qualificado para assumir responsabilidades escolares. Além disso, Freire traz uma reflexão acerca do reconhecimento da educação como forma de intervenção no mundo, não alegando que a educação deve ser “redentora da humanidade” como fazem as pedagogias tradicionais, tecnicistas e novas, mas alegando novamente que a prática do professor não pode ser neutra.

Em suma, *Pedagogia da autonomia* é um livro que estimula a reflexão crítica, a curiosidade e consegue criar nos educadores um sentimento de esperança, mas sendo carregado de visões políticas, principalmente quando o autor defende excessivamente uma prática educativo-progressista, é, muitas vezes, contraditório ao abordar seus princípios considerados necessários aos educadores com certa imposição, deixando transparecer que nenhuma outra prática consegue obter êxitos. Além disso, é percebido que muitos dos pontos abordados se distanciam da realidade de algumas escolas presentes no Brasil, e trazem uma grande idealização da educação, e até mesmo da sociedade num geral. Por fim, podemos notar que, no decorrer do livro, Freire sempre tenta aliar teoria e prática, exemplificando aspectos com suas próprias vivências e com a utilização da primeira pessoa, algo que contribui para a dialogicidade com os leitores, fazendo com que eles consigam criar opiniões e debater com o texto. Outro ponto positivo da obra é sua atemporalidade, pois mesmo escrevendo no século passado, Freire fala com muita propriedade de coisas atuais, exemplo disso é a relação percebida com algo abordado no texto, a neutralidade política, e algo muito discutido

atualmente, a questão da escola sem partido.

O segundo livro, *Educação como prática de liberdade*, segue a mesma linha de organização do primeiro, e possui quatro capítulos: “A sociedade brasileira em transição”, “Sociedade fechada e inexperiência democrática”, “Educação *versus* massificação”, e “Educação e conscientização”. Concentrando-se, principalmente, na contextualização do ensino de adultos com um período rigoroso e cheio de censuras, a Ditadura Militar, a obra expõe métodos e princípios filosóficos de Paulo Freire, e trabalha com a ideia de democratização do ensino e da cultura.

Em resumo, o autor apresenta no primeiro capítulo, o caráter existencial de sua filosofia, explana sobre integração e promove reflexões acerca do “medo da liberdade”. No segundo capítulo, Freire traz a temática do período colonial e imperial, ressaltando alguns momentos da história do Brasil, e atentando para o fato de que a população nunca obteve grandes participações nas decisões do país e os cidadãos sempre se mostraram submissos e acomodados, de modo que demonstra a importância da dialogação e da democracia, a qual não deve ser tida como fundamental apenas para a política, mas para a vida também.

O terceiro capítulo promove críticas à pedagogia tradicional e questiona as práticas teóricas, ressaltando, como no primeiro livro, que o ensino deve vincular teoria e prática para que o estudante se desenvolva sendo crítico e tendo gosto pela pesquisa. Além disso, Freire alega ainda nesse capítulo que a crença e esperança no homem fundamentam a educação democrática, ou seja, a discussão dos problemas do país e do mundo pelo homem é necessária para que se crie uma sociedade com voz e opiniões. No quarto e último capítulo, o autor traz explicações acerca do Método de alfabetização e de sua implementação na década de 1960, atentando para o fato de que ele foi impedido de ter continuidade no Brasil pela Ditadura Militar. Freire acrescenta ainda que o respeito à liberdade dos alunos é essencial para uma prática pedagógica de qualidade.

Portanto, fica evidente que trazendo muito da história do Brasil, esse segundo livro pontua princípios de uma ação libertadora, e nos convida a refletir sobre a necessidade de transformação, a qual começa pelos educadores, que apresentando o novo aos alunos, devem se identificar com eles e ter empatia. É possível perceber que o descompromisso pela educação retratado por Freire, em 1967, é facilmente observado em nosso cotidiano, o que torna a obra bastante atual. Ademais, ao trazer suas experiências, Freire se aproxima do leitor, fazendo com que ele se interesse mais pela leitura e assuma uma posição crítica diante do texto e das ideias em questão. Por fim, *Educação como prática de liberdade* e *Pedagogia da*

autonomia são livros que deveriam ser mais discutidos por acadêmicos e professores, pois suas leituras geram reflexões significativas para a prática educativa e o ser educador.